

A ENCENAÇÃO DO AMOR E DOS PAPEIS DE GÊNERO EM AVE DE PARAÍSO, DE NÉLIDA PIÑON

THE STAGING OF LOVE AND GENDER ROLES IN AVE DE PARAÍSO, BY NÉLIDA PIÑON

Eduarda Alves de Oliveira Paula¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Verônica Palmira Salme de Aragão²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar a maneira como são construídos os discursos sobre gênero e amor por meio do modo de organização narrativo no conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon. Argumenta-se que o texto narrativo opera de modo particular na organização dos elementos estruturais que conferem sentido à narrativa. No conto em questão, a lógica e a encenação discursiva atuam de modo intrínseco, contribuindo para a criação de um universo ficcional que representa a sociedade de forma verossímil, sobretudo em relação às questões de gênero e à idealização do amor romântico. Esse efeito é alcançado por meio dos aspectos formais que compõem a trama, além de elementos simbólicos, como as práticas alimentares. Tais aspectos convergem para a produção de um efeito de realidade discursiva, permitindo compreender como os discursos são simultaneamente encenados e problematizados pela instância narrativa. O estudo busca: (I) relacionar o modo de organização narrativo às estratégias discursivas que problematizam os papéis sociais de homens e mulheres; (II) explorar a figura do(a) narrador(a) como instância que organiza e orienta a interpretação dos discursos simbólicos; e (III) examinar a função da comida, em especial a torta de chocolate, na configuração das relações de gênero e de amor construídos pela narrativa. A fundamentação teórica apoia-se em Charaudeau (2008), Biroli (2014), Saffioti (1987), Beauvoir (1970) e Lagarde (2001). Os resultados apontam que o conto encena discursos de gênero que, ao mesmo tempo em que reafirmam papéis tradicionais atribuídos às mulheres, também expõem contradições que permitem questionar a submissão feminina e a naturalização do amor como destino.

Palavras-chave: Discurso; Narrativa; Modo de organização; Gênero; Amor romântico.

Abstract: This article aims to analyze how discourses on gender and love are constructed through the narrative mode of organization in the short story *Ave de Paraíso*, by Nélida Piñon. It is argued that the narrative text operates in a particular way in the organization of the structural elements

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Atualmente, é mestrande no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: eduardaopaula@gmail.com.

² Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da mesma universidade. E-mail: veronicasalme@uern.br.

that produce meaning within the narrative. In the short story under analysis, narrative logic and discursive staging act intrinsically, contributing to the creation of a fictional universe that represents society in a plausible manner, especially with regard to gender issues and the idealization of romantic love. This effect is achieved through the formal aspects that compose the plot, as well as symbolic elements such as food practices. These aspects converge toward the production of an effect of discursive reality, allowing an understanding of how discourses are simultaneously staged and problematized by the narrative instance. The study seeks to: (I) relate the narrative mode of organization to discursive strategies that problematize the social roles assigned to men and women; (II) explore the figure of the narrator as the instance responsible for organizing and guiding the interpretation of symbolic discourses; and (III) examine the role of food, especially chocolate pie, in the configuration of the gender and love relations constructed by the narrative. The theoretical framework is based on Charaudeau (2008), Biroli (2014), Saffioti (1987), Beauvoir (1970), and Lagarde (2001). The results indicate that the short story stages gender discourses which, while reaffirming traditional roles attributed to women, also expose contradictions that allow the questioning of female submission and the naturalization of love as destiny.

Keywords: Discourse; Narrative; Mode of organization; Gender; Romantic love.

Introdução

A profundidade do texto narrativo ultrapassa elementos superficiais, como quem narra, o espaço em que a história se ambienta e quem são os personagens, aspectos que costumam ser mencionados quando se pergunta a alguém sobre uma leitura. Sua complexidade, embora atravesse esses níveis estruturais, não se limita a eles, mas diz respeito à forma como esses elementos se organizam intrinsecamente produzindo tanto a unidade de sentido quanto o modo como esse efeito alcança o(a) leitor(a), construindo o universo ficcional.

Essa natureza multidimensional da narrativa permite analisá-la sob diferentes óticas para compreender os sentidos; uma delas é pelo modo como o texto se organiza discursivamente. Nesse quadro, Charaudeau (2008) destaca que a natureza da narrativa deve ser compreendida como uma totalidade complexa, composta por diferentes modos de organização do discurso. Segundo o autor, o narrativo é apenas um dos componentes que possibilitam a construção dessa totalidade, pois, para contar uma história, é necessário combinar ações e qualificações que se articulam também com o modo descritivo.

Tal visão evidencia que a narrativa não se limita à sucessão de acontecimentos, mas envolve o modo como esses eventos são apresentados, descritos e encadeados de forma lógica para produzir sentido. Assim, o texto narrativo resulta de uma dinâmica entre narrar e descrever, em que a trama se desenvolve simultaneamente no plano das ações e na constituição das imagens, emoções, ambientes e temporalidade que dão vida ao universo narrado.

Com base nesses apontamentos, interessa-nos refletir sobre como o modo de organização narrativo e seus componentes se articulam para criar esse universo de significações que permeia a trama, trazendo à tona uma representação verossímil da realidade com suas questões e contradições. Essa concepção torna-se particularmente relevante quando pensamos na problematização dos discursos de gênero e de amor dentro da narrativa de Nélida Piñon, uma vez que tais manifestações linguageiras aparecem constantemente atravessadas por valores, ideologias e representações sociais que condicionam a construção do sentido. Assim, compreender o modo como esses discursos se organizam na narrativa permite, portanto, identificar as estratégias pelas quais o texto literário reflete, reforça ou questiona determinadas formas de ver o mundo.

Com base nessas reflexões, este artigo tem como objetivo analisar a maneira como são construídos os discursos sobre gênero e amor por meio do modo de organização narrativo no conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon. Parte-se da premissa de que o texto narrativo opera de modo particular na organização dos elementos estruturais que conferem sentido à narrativa. No conto em questão, a lógica e a encenação articulam-se de modo intrínseco, contribuindo para a criação de um universo ficcional que representa a sociedade de forma verossímil, sobretudo em relação às questões de gênero e à idealização do amor romântico.

Esse efeito é alcançado por meio da progressão das ações, personagens, tempo e espaço, além de elementos que compõem o cotidiano, como as refeições e o espaço doméstico, que se apresentam carregados de simbolismos. Tais aspectos convergem para a criação de um efeito de realidade discursiva, permitindo compreender como os discursos são encenados e, ao mesmo tempo, problematizados pela figura do(a) narrador(a), componente essencial na construção do universo ficcional.

Diante disso, este estudo propõe: (I) relacionar o modo de organização narrativo às estratégias discursivas que problematizam os papéis sociais de homens e mulheres; (II) explorar a figura do(a) narrador(a) como instância que organiza e orienta a interpretação dos discursos simbólicos; e (III) examinar a função da comida, em especial a torta de chocolate, na configuração das relações de gênero e de amor construídas pela narrativa. A metodologia é de natureza bibliográfica, com leitura analítica e interpretativa, conforme proposto por Gil (2002). O percurso de leitura do artigo foi organizado da seguinte forma: 1. Modo de organização narrativo e 2. Os papéis de gênero e o amor romântico, que compõem a fundamentação teórica da pesquisa; 3. Metodologia; 4. A encenação dos papéis de gênero em *Ave de Paraíso*; e 5 A *mise-en-scène* do amor

romântico em *Ave de Paraíso*, correspondentes à análise interpretativa do *corpus*. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguida das referências.

1. Modo de organização narrativo

Debruçar-se sobre o complexo mecanismo da narrativa implica mergulhar em um campo teórico multifacetado, no qual diferentes perspectivas buscam compreender seu funcionamento, seus princípios estruturais e os efeitos de sentido que dela emergem. Esse fator contribui para a existência de uma variedade de termos técnicos, nem sempre fáceis de serem compreendidos, mas que buscam abranger as múltiplas dimensões do fazer narrativo, desde a organização das ações e acontecimentos até a constituição das vozes que enunciam e que dão “vida” ao mundo ficcional (Charaudeau, 2008).

Nessa perspectiva, destacam-se as abordagens que entendem a narrativa como uma forma de organização discursiva, capaz de articular elementos textuais e simbólicos na produção do sentido. É nesse quadro que se insere a proposta de Patrick Charaudeau (2008), ao conceber o modo de organização narrativo como um dispositivo de estruturação e encenação do discurso, responsável por garantir coerência à trama e orientar a leitura dos efeitos de sentido.

Antes de adentrar propriamente no modo de organização narrativo, é importante compreender alguns aspectos fundamentais que permitem reconhecer um texto como narrativo. Charaudeau (2008) propõe uma reflexão sobre o que significa “contar”, destacando que esse ato não se resume à simples descrição de uma sequência de ações, mas envolve um processo mais complexo de construção discursiva. A narrativa, portanto, não se define apenas pelo que é contado, mas pela forma como a história é estruturada e apresentada ao leitor(a), o que confere sentido à trama.

Por esse ângulo, o autor explica que toda narrativa pressupõe a presença de um contador – narrador, escritor, testemunha – dotado de uma intenção comunicativa e voltado a um destinatário, seja ele leitor, ouvinte ou espectador. Esse contador é responsável por transmitir uma determinada representação do mundo, consciente ou não, organizando os elementos da narrativa de modo a produzir significação (Charaudeau, 2008). Assim, o ato de narrar ultrapassa a mera exposição de fatos e se configura como uma prática simbólica, na qual linguagem, intenção e forma se articulam para criar um universo próprio de significações.

Essas considerações conduzem à concepção de Charaudeau (2008) sobre o modo de organização narrativo, que se estrutura a partir de uma dupla articulação: a organização

da lógica narrativa e a organização da encenação narrativa. A primeira diz respeito à construção da trama por meio da sequência de ações que compõem a história, a chamada “lógica acional”. Nessa dimensão, a ênfase recai nos elementos que asseguram a coerência interna da trama, como as relações entre os acontecimentos, os personagens e os objetivos que orientam o enredo.

Já a encenação narrativa corresponde a forma pela qual essa história é representada, ou seja, ao modo como o(a) narrador(a) organiza e apresenta os eventos, instituindo um universo simbólico que dá vida à narrativa. É por meio dessa encenação que se configuram as vozes discursivas, os pontos de vista e os efeitos de sentido que conduzem a interpretação do leito(a). Sob essa ótica, tanto a lógica quanto a encenação narrativa não operam isoladamente, mas se articulam na produção de sentido: enquanto a lógica garante o encadeamento das ações, a encenação determina o modo como tais ações são percebidas e narradas.

Outro ponto relevante nessa dupla articulação são os componentes e procedimentos desses dois eixos (lógica e encenação narrativa), que são responsáveis por transformar o texto em uma unidade coerente e dotada de significado. Na lógica narrativa, Charaudeau (2008) destaca três elementos essenciais: os actantes, os processos e as sequências. Os actantes são instâncias que participam das ações da trama (papeis narrativos), como personagens, objetos ou entidades simbólicas, e cuja função está sempre vinculado à realização de algo.

Os processos correspondem às ações dotadas de sentido, que ganham valor narrativo ao se relacionarem com os actantes e suas intenções (Charaudeau, 2008). De outro modo, eles não são apenas eventos isolados como o ato de “cozinhar” ou “esperar”, mas são ações que se estabelecem entre os actantes, adquirindo significado conforme sua função no enredo. Já as sequências organizam essas ações e pensamentos segundo princípios de coerência, intencionalidade, encadeamento e localização, garantindo o caráter verossímil da história e sua progressão temporal (Charaudeau, 2008).

Esses elementos formam a espinha dorsal da trama, pois estruturam o texto e organizam o encadeamento das ações e dos sentidos. Essa estrutura, por sua vez, prepara o terreno para a sua apresentação ao(à) leitor(a) por meio da encenação narrativa, nível em que o discurso ganha forma, voz e perspectiva, transformando a estrutura lógica em experiência simbólica e sensível.

No eixo da encenação narrativa, Charaudeau (2008) destaca três procedimentos fundamentais: a identidade, o estatuto e o ponto de vista do narrador. A identidade do

narrador responde à pergunta “quem fala?”, indicando se essa voz participa diretamente da história, como personagem ou testemunha, ou se atua como uma voz externa que apenas observa e relata os acontecimentos.

O estatuto do narrador, por sua vez, responde à questão “quem conta a história de quem?”, determinando se o narrador é interno (em primeira pessoa) ou externo (em terceira pessoa), e, portanto, o seu grau de envolvimento com os fatos (Charaudeau, 2008). Por fim, o ponto de vista ou focalização, refere-se à relação entre narrador e personagens, definindo o que ele sabe, mostra ou omite. Esse olhar pode ser externo e objetivo, limitado ao que é observável (aparência, gestos etc.), ou interno e subjetivo, revelando pensamentos, emoções e motivações (Charaudeau, 2008).

Esses elementos são essenciais, pois situam o(a) leitor(a) diante do enredo, estabelecendo a relação entre narrador(a) e leitor(a) e orientando o olhar para os discursos que emergem das vozes narrativas. É justamente por meio dessa organização que a narrativa se torna espaço de representação e questionamentos de valores sociais, culturais e simbólicos presentes no texto. Assim, compreender como o(a) narrador(a) organiza e encena os acontecimentos permite-nos identificar as estratégias discursivas que revelam e problematizam temas como os papéis de gênero e a idealização do amor.

Essa perspectiva ganha relevância no conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon, uma vez que a narrativa mobiliza tais discursos, expondo as camadas de sentidos que atravessam o feminino e o ideal romântico. Por meio da voz narrativa, Piñon constrói a representação de uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero, especialmente na vida privada, bem como evidencia e problematiza o lugar da mulher no universo simbólico do amor.

2. Os papéis de gênero e o amor romântico

Nos últimos anos, os estudos de gênero conquistaram espaço significativo no meio acadêmico, em razão da necessidade cada vez mais urgente de discutir os papéis atribuídos, especialmente, às mulheres na sociedade contemporânea. A relevância das pesquisas nessa área contribui para a compreensão e problematização das relações que se estabelecem cultural e historicamente entre homens e mulheres, repercutindo tanto na vida pública quanto na privada.

Refletir sobre os papéis de gênero na sociedade brasileira implica confrontar os valores sociais, culturais, políticos e ideológicos que alicerçam o imaginário coletivo do país. Esse raciocínio é reforçado de maneira mais profunda quando se percebe a

naturalização de funções impostas ao feminino e ao masculino. Conforme destaca Saffioti (1987), não há igualdade em relação às posições ocupadas por mulheres e homens na sociedade brasileira; ao contrário, o que se evidencia são identidades construídas pela atribuição específica de papéis conforme a categoria de sexo.

Essa divisão sexual do trabalho constitui uma das principais questões que fomentam a desigualdade de gênero. Segundo Biroli (2014), os papéis tradicionalmente impostos às mulheres, como a dedicação à vida doméstica e o cuidado com a família, reforçam a visão equivocada de que a domesticidade feminina é um traço natural e distintivo. Por essa ótica, os espaços de atuação da mulher na vida pública são cerceados, de modo que qualquer comportamento que escape ao paradigma da “dona de casa” é absorvido pelo sistema de gênero.

Nessa perspectiva, torna-se possível compreender que tal organização das áreas de atuação dos indivíduos acaba inserindo a mulher em uma posição de desvantagem em relação ao homem. Essa situação é instaurada, pois a sociedade atribui à mulher a responsabilidade pelo ambiente doméstico e por todos os aspectos que compõem esse espaço privado, como o cuidado e a educação dos filhos. Ao homem, por sua vez, delega-se a incumbência de prover o lar e sustentar a família, também influenciado por fatores socialmente estabelecidos.

Ao discutir o conceito de gênero, Garcia (2015) ressalta que os discursos de ideologia sexual, além de legitimarem a ordem vigente, também contribuem para hierarquizar homens e mulheres, bem como o masculino e o feminino em determinada sociedade. Nessa perspectiva, esses discursos configuram sistemas de crenças que condicionam o que é considerado próprio de cada sexo e, por meio desse engendramento, estabelecem-se os direitos, as atividades, os espaços e os comportamentos dos indivíduos.

Por esse ângulo, Saffioti (1987, p. 11) destaca o quão problemático é naturalizar processos socioculturais, pois “quando se afirma que é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se, rigorosamente, naturalizando um resultado da história”. Além disso, é conveniente, para os grupos dominantes, sustentar que essas atribuições sempre foram lugares femininos, tendo em vista o peso simbólico que o espaço doméstico historicamente carrega, como um lugar de subordinação. Conforme aponta Saffioti (1987, p. 11) “ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se os característicos ‘naturais’ destas funções”.

Nesse quadro, tais discursos passam a organizar não apenas o cotidiano das mulheres, mas também influenciam a maneira como suas identidades e subjetividades são socialmente representadas. Sob essa ótica, cabe refletir sobre as relações que se estabelecem no espaço privado, especialmente no interior dos vínculos amorosos, onde também se tornam perceptíveis certos comportamentos naturalizados, como a submissão feminina e o controle masculino.

Embora as relações amorosas se situem na esfera íntima e privada, é pertinente refletir sobre como tais vínculos são construídos e sustentados por discursos simbólicos que reverberam no imaginário coletivo. De acordo com Coria (2001), o chamado “amor de casal” foi, ao longo da história, amplamente moldado por valores culturais, servindo, inclusive, como instrumento de controle da ordem social vigente. Essa concepção, expressa na ideia de amor romântico, é igualmente fruto de uma construção social. Assim, os comportamentos, as expectativas que se formam em torno da relação e as maneiras de expressar o afeto integram uma rede de significações regida por um código moral e coletivo, resultante de um sistema de poder hegemônico.

Sob tais condições, Coria (2001) reforça que, embora essa construção sociocultural do amor tenha se transformado ao longo dos séculos, uma questão permanece constante: os lugares atribuídos a mulheres e homens no interior da dinâmica amorosa. Segundo a autora, a mulher continua a exercer o papel de objeto nas relações. Essa perspectiva evidencia algo ainda presente, sobretudo nas relações heterossexuais – mulheres que se tornam espectadoras da própria relação, emocionalmente dependentes do afeto e da validação masculina, e que compreendem o desejo como domínio do outro, e não como expressão de si. Conforme Coria (2001) enfatiza, tal visão, culturalmente disseminada e reforçada ao longo do tempo, constitui o eixo central para a compreensão do comportamento feminino nos relacionamentos românticos, que é consequência dessa herança secular.

Em consonância com esse raciocínio, Lagarde (2001) destaca que o amor define a identidade de gênero das mulheres em maior medida do que a dos homens. De acordo com a autora, as mulheres foram social e culturalmente constituídas como seres que “amam”, de modo que o amor ocupa o centro de sua identidade. Nesse sentido, percebe-se que a experiência amorosa feminina é atravessada por mandatos e deveres que se sobrepõem aos sentimentos e à subjetividade da mulher, resultando, muitas vezes, em um comportamento passivo que contribui para a manutenção de discursos que lhe impõem o amor como destino único.

Diante desse percurso teórico, percebe-se que os discursos que marginalizam as mulheres estão profundamente enraizados na cultura e na sociedade como um todo. Esses discursos influenciam não apenas a vida pública, mas também o âmbito privado, moldando a maneira como o feminino se percebe, os espaços que atua, os papéis que exercem e, naturalmente, a maneira como ama a si mesma e ao outro.

A concepção de papéis de gênero e a idealização do amor romântico ganham centralidade no conto *Ave de Paraíso*, que será analisado adiante, uma vez que a encenação de tais discursos desmascara a hipocrisia presente no espaço privado, especialmente no interior da relação amorosa dos protagonistas, revelando como essas construções simbólicas, culturalmente disseminadas ainda condicionam comportamentos, atitudes e as relações dos indivíduos, sobretudo das mulheres.

3. Metodologia

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica com leitura analítica e interpretativa conforme proposto por Gil (2002). O estudo adota uma abordagem qualitativa, voltada à análise discursivo-narrativa de texto literário. O *corpus* é constituído pelo conto *Ave de Paraíso*, presente na coletânea *Melhores contos Nélide Piñon* (2022), organizado por Miguel Sanches Neto. A escolha desse texto justifica-se pela centralidade que a autora confere às relações afetivas e conjugais, bem como pela ocorrência de temas relacionados aos papéis de gênero e à idealização do amor romântico que configuram os aspectos essenciais para os objetivos deste trabalho.

A análise fundamenta-se no modo de organização narrativo, conforme proposto por Patrick Charaudeau em sua obra *Linguagem e Discurso* (2008), articulado a contribuições dos estudos de gênero e das reflexões críticas sobre o amor romântico. O percurso metodológico organiza-se a partir de duas dimensões analíticas: a lógica narrativa e a encenação narrativa, compreendidas como eixos complementares na produção de sentido e na estruturação do texto narrativo. Como mencionado anteriormente, a lógica diz respeito à organização interna da ação narrativa, isto é, ao encadeamento dos acontecimentos, a distribuições das funções das personagens e à recorrência de determinadas práticas simbólicas. Já a encenação refere-se à forma como essa história é apresentada discursivamente, envolvendo a voz narrativa, o ponto de vista adotado e os efeitos de sentido produzidos.

Como estratégia metodológica de sistematização de análise, foram elaborados quatro quadros analíticos, que não desempenham função meramente ilustrativa, mas

operam como instrumentos de organização e visualização dos resultados. Os quadros articulam teoria e análise, permitindo evidenciar de forma sintética a aplicação das categorias do modo de organização narrativo ao conto: os actantes, os processos e as sequências presentes na lógica narrativa, e a identidade e o estatuto do narrador, o ponto de vista e o efeito de sentido que integram a encenação narrativa. Os dois primeiros quadros concentram-se na lógica e na encenação narrativa dos papéis de gênero, enquanto os dois últimos focalizam a lógica e a encenação do amor romântico, destacando as recorrências simbólicas, os gestos ritualizados e os efeitos discursivos produzidos pela narrativa.

Por fim, cabe destacar que o percurso metodológico adotado não se limita à aplicação mecânica de um modelo teórico, mas resulta de uma adaptação analítica instigada pelo próprio objeto de pesquisa. A recorrência de elementos como o espaço doméstico, a espera, a comida e os rituais afetivos demandou a construção de um dispositivo que articulasse teoria narrativa-discursiva e crítica de gênero, conferindo à metodologia um caráter autoral e situado. Dessa forma, a metodologia proposta busca responder às especificidades do texto literário analisado, permitindo compreender como a narrativa de Piñon transforma o cotidiano conjugal em um espaço de encenação crítica de discursos de gênero e do amor romântico. Nas seções seguintes, esse percurso metodológico orienta a análise do conto.

4. A encenação dos papéis de gênero em *Ave de Paraíso*

O conto *Ave de Paraíso*, de Nérida Piñon, integra a coletânea de contos *Sala de armas*, publicado originalmente em 1970. A narrativa é ambientada no interior de uma casa e retrata o cotidiano de um casal heterossexual que mantém uma relação matrimonial um tanto peculiar, tendo em vista que os dois não sustentam uma rotina conjunta, mas apenas um vínculo marcado pelas visitas esporádicas do marido e pelas esperas conformadas da mulher. Apesar dessa dinâmica fragmentada, a relação ainda se fundamenta nos moldes convencionais do casamento.

A encenação dos discursos de gênero atravessa toda a trama, a partir da interessante condução do(a) narrador(a), que articula estratégias sutis para explorar a naturalização dos papéis feminino e masculino. Essas informações são apresentadas logo no início, quando se narra a chegada do marido à casa e a recepção feita pela mulher:

Uma vez por semana visitava a mulher. Para exaltar-se, dizia comovido. Ela acreditava e o recebia com torta de chocolate e licor de pera, as frutas colhidas na horta (Piñon, 2022, p. 97).

Por mais simples que a cena possa parecer, ela evidencia a organização dos indivíduos entre o público e o privado. Observa-se que o homem ocupa o espaço público, regressando ao ambiente doméstico apenas quando julga oportuno; e a mulher, por sua vez, assume o espaço privado, onde aguarda pacientemente o retorno do marido, acolhendo-o com a refeição preparada. Esses papéis são ainda reforçados pelas descrições das atividades pelas quais cada um é responsável:

Em torno da mesa, a toalha pintada de roxo, que havia preparado num longo dia de sábado, a cama de lençol branco, pessoalmente ela os lavava evitando o anil em excesso, a casa enfim que ele deixou de frequentar sem aviso (Piñon, 2022, p. 97).

No início do mês, porém, ele chegava mais cedo trazendo o dinheiro para as despesas da casa, e o mais que ela precisasse. Jogava em cima da fruteira, ainda que ali estivessem bananas, peras, maçãs [...] (Piñon, 2022, p. 99).

No primeiro trecho, observa-se o detalhamento dos afazeres domésticos realizados pela mulher: a toalha feita manualmente, os lençóis lavados, a casa arrumada. Essa configuração do lar evidencia a camada simbólica que envolve o papel feminino como a dona de casa dedicada ao lar e devota ao marido. Já no segundo fragmento, destaca-se a função do homem no ambiente doméstico como aquele responsável por prover o sustento e arcar com as despesas da casa, deixando implícito que o seu lugar na esfera privada é o de provedor, mas que a sua posição efetiva pertence ao espaço público.

Tal organização amplia a compreensão do que Biroli (2014) ressalta a respeito de como as formas convencionais de organização familiar funcionam como um dispositivo social fundamental na reprodução da dicotomia entre os âmbitos privado e público. Essa separação entre as esferas reforça a manutenção dos papéis sociais de gênero, sustentando a desigualdade entre homens e mulheres. Em outras palavras, a própria estrutura familiar reproduz discursos patriarcais que colocam o homem na rua e a mulher dentro de casa.

O cenário acima alcança maior profundidade analítica quando observado à luz do modo de organização narrativo proposto por Patrick Charaudeau (2008), segundo o qual a narrativa é constituída por uma lógica e uma encenação. Nos trechos analisados, percebe-se que a lógica narrativa contribui para estruturar a trama, definindo as funções dos personagens e o encadeamento das ações. Essa estrutura interna, ao mesmo tempo em que organiza os acontecimentos, reflete o funcionamento simbólico dos papéis de gênero. Essa organização pode ser observada no Quadro 1, que sintetiza os principais

componentes da lógica narrativa conforme a proposta de Charaudeau (2008), aplicada ao conto *Ave de Paraíso*.

Quadro 1. A lógica narrativa dos papéis de gênero em *Ave de Paraíso*.

Componentes da Lógica narrativa	Descrição teórica (Charaudeau, 2008)	Aplicação no conto Ave de Paraíso
Actantes	Instâncias que realizam ou sofrem ações dentro da trama. Representam papéis narrativos que podem ser humanos ou simbólicos.	O marido desempenha o papel de actante da ação – aquele que provê, decide, controla e domina o espaço público. A esposa desempenha a função de actante paciente – sujeita à espera, ao cuidado e à vida doméstica. Essa estrutura narrativa espelha a hierarquia de gênero.
Processos	Ações dotadas de sentido que se relacionam com os actantes e suas intenções, adquirindo função narrativa.	os processos narrativos manifestam-se por meio de ações recorrentes atribuídas de forma assimétrica aos personagens. Ao masculino associam-se ações como “visitar” a mulher e “trazer o dinheiro” para arcar com as despesas da casa, reforçando sua vinculação ao espaço público e à função de provedor. Ao feminino, por sua vez, correspondem ações como “esperar” a chegada do marido e “recebê-lo com torta de chocolate e lençóis limpos”, práticas que a posicionam no espaço doméstico e no cuidado do lar. Assim, tais gestos não se configuram como simples eventos cotidianos, mas como práticas simbólicas que reproduzem a lógica dos papéis de gênero, evidenciando o confinamento do feminino à esfera privada.
Sequências	Encadeamento coerente de ações e pensamentos.	A repetição das visitas e da rotina evidencia a circularidade opressiva da vida conjugal, ou seja, um ciclo que mantém a mulher presa no papel da esposa dedicada, reencenando a desigualdade.

Fonte: Paula (2025).

A partir das informações apresentadas no Quadro 1, percebe-se que, por meio da lógica narrativa, a estrutura do enredo repete e denuncia os mecanismos de dominação de gênero. Em outras palavras, essa lógica pode ser interpretada como um dispositivo simbólico que constrói a representação de discursos sociais, a partir da sequenciação de ações que posicionam os personagens em funções e espaços cultural e historicamente estabelecidos. Nesse sentido, a trama se organiza conforme essa divisão simbólica entre quem age e quem aguarda, quem sai e quem permanece, o que espelha a lógica patriarcal inscrita no cotidiano.

Ademais, a análise ganha ainda mais completude quando entra no jogo da encenação narrativa sustentada por Charaudeau (2008). No nível da encenação, é possível observar como o(a) narrador(a) organiza e apresenta os eventos da trama, conferindo-lhe valor simbólico e orientando a leitura dos discursos. Nos fragmentos estudados, a escolha de uma voz externa e crítica, aliada ao ponto de vista que alterna entre o olhar empático sobre a mulher e um certo distanciamento diante do homem, constitui o núcleo da encenação discursiva. Tal configuração narrativa pode ser observada no Quadro 2, que resume os principais procedimentos da encenação pensada por Charaudeau (2008), e aplicada no conto *Ave de Paraíso*.

Quadro 2. A encenação narrativa dos papéis de gênero em *Ave de Paraíso*.

Procedimentos da Encenação narrativa	Descrição teórica (Charaudeau, 2008)	Aplicação no conto <i>Ave de Paraíso</i>
Identidade do narrador	Responde à pergunta “quem fala?” indicando a origem da voz narrativa. Pode ser interna (participa da história) ou externa (observador).	A voz da narrativa é externa e assume um tom crítico e irônico, direcionado à encenação dos papéis de gênero tradicionais e à idealização do amor romântico. Sua identidade se constrói discursivamente por meio de escolhas lexicais e sintáticas que evidenciam um distanciamento avaliativo como o uso de verbos que minimizam a intensidade do vínculo amoroso (“visitava” “dizia-se comovido”) e as descrições de ações rotineiras e repetitivas, narradas sem uma carga emocional explícita. Trata-se, portanto, de uma identidade discursiva identificável linguisticamente, cujas marcas produzem um efeito de ironia sutil, que expõe a assimetria da relação conjugal.
Estatuto do narrador	Responde à pergunta “quem conta a história de quem?”, definindo a posição do narrador no momento da enunciação (interno ou externo).	O(A) narrador(a) ocupa o estatuto externo, narrando o cotidiano do casal sem se envolver diretamente nos eventos. Apesar disso, intervém sutilmente com expressões valorativas (“visitava a mulher”, “dizia-se comovido”, “trazia dinheiro para as despesas e o que mais ela precisasse”) e pela seleção de detalhes significativos, como cenas domésticas associadas à mulher (a espera, a torta de chocolate, os lençóis limpos). Tais escolhas orientam a leitura e expõem a assimetria dos papéis de gênero no espaço privado.
Ponto de vista/focalização	Refere-se à relação entre o narrador e às personagens, isto é, o que o narrador sabe, mostra ou omite sobre os fatos.	O(A) narrador(a) assume um ponto de vista que varia entre o objetivo e o subjetivo. Observa a mulher com um tom empático, revelando seus gestos e esperas, enquanto olha o homem com distanciamento, muitas vezes deixando escapar um tom irônico.
Efeitos de sentido	Resultam da articulação entre voz, olhar e discurso; dizem respeito	O(A) narrador(a) encena o universo doméstico como palco da desigualdade e da dominação de discursos de gênero naturalizados.

	à forma como o texto constrói o sentido simbólico da história.	
--	--	--

Fonte: Paula (2025).

Com base nos elementos expostos no Quadro 2, observa-se que, a aparente normalidade da relação conjugal é desestabilizada por meio de marcas linguísticas e discursivas específicas mobilizadas pela encenação narrativa. Entre esses elementos, destacam-se as escolhas lexicais que minimizam ou esvaziam o vínculo afetivo, como a utilização do verbo “visitava” para designar a dinâmica da relação conjugal, bem como expressões que relativizam a intensidade emocional atribuída ao homem, como “dizia-se comovido”. Além disso, a repetição de ações rotineiras associadas à mulher como a espera pelo marido, a preparação da torta e seu consumo, a mesa posta com a toalha que ela própria enfeitou e os lençóis limpos, articulada à sua apresentação em uma sequência quase mecânica, produz um efeito de naturalização, que, paradoxalmente, revela o caráter desigual dessa relação.

Esses procedimentos discursivos, isto é, seleção lexical, repetição das ações, descrição de práticas simbólicas e distanciamento avaliativo, permitem que a voz narrativa não apenas conte a história, mas revele e problematize os papéis de gênero historicamente moldados, expondo a assimetria da relação conjugal sob a aparente normalidade.

Ao articular as duas dimensões fundamentadas por Charaudeau (2008), reconhece-se que *Ave de Paraíso* transforma a narrativa em um espaço de enunciação crítica, no qual o modo de organização narrativo não somente estrutura a história, mas também orienta a produção de sentidos ideológicos, por meio da encenação de uma posição discursiva crítica em relação aos valores patriarcais, especialmente no que diz respeito à naturalização dos papéis de gênero.

Nessa ótica, a narrativa de Piñon atua como um duplo dispositivo: organiza a lógica das ações e, simultaneamente, encena os discursos sociais que sustentam relações desiguais entre homens e mulheres, revelando-os como construções simbólicas ancoradas historicamente na cultura. Assim, tal gesto discursivo aproxima o texto de uma ideologia crítica de matriz feminista, ao expor e problematizar a assimetria nas relações de gênero em espaços públicos e privados.

5. A *Mise-en-scène* do Amor Romântico em *Ave de Paraíso*

A idealização do amor romântico constitui-se em palco de encenação de discursos simbólicos em *Ave de Paraíso*, especialmente no que diz respeito aos moldes como é construído o vínculo afetivo dos protagonistas. Ao longo do conto o(a) narrador(a) guia o(a) leitor(a) pela dinâmica amorosa do casal, evidenciando conflitos internos vividos sobretudo pela personagem feminina, como a tensão entre a idealização do amor conjugal e a experiência concreta de uma relação marcada pela ausência, pela espera e pela assimetria afetiva. Esses conflitos se manifestam por meio de rituais que antecedem o envolvimento sexual, de comportamentos reiterados de submissão e de práticas simbólicas que revelam não apenas a crítica à romantização de um relacionamento desigual, mas também a posição culturalmente ocupada pelo feminino dentro da relação conjugal.

A articulação desses discursos se constrói por meio de elementos simbólicos, como os alimentos e o espaço doméstico, onde a protagonista demonstra não apenas o seu amor pelo marido por meio do gesto de cozinhar, mas também a frustração pela sua ausência e pela rarefação da vida a dois. Esses atravessamentos são retomados pela voz narrativa, que reproduz a trajetória da mulher desde o sonho de casar-se até a concretização de um vínculo afetivo moldado pela dependência e pela espera. Assim, desde o início, a vida da protagonista é circunscrita ao ideal conjugal e à domesticidade:

Fizera o ginásio na cidade onde nasceu. Não quis ser professora. Desde pequena desejou casar-se. Sua única ambição [...] A mãe ainda protestou, precisavam do dinheiro. O pai perdera o emprego, a idade fazia-se obstáculo. Acabou ele no balcão da farmácia do padrinho. E a mãe cosendo para fora. Enquanto ela cuidaria dos serviços da casa, já que se recusava a lecionar (Piñon, 2022, p. 98).

No fragmento, observa-se que a aspiração ao casamento orienta o percurso existencial da mulher, como se a união conjugal representasse sua única possibilidade de uma vida plena. Esse pensamento, profundamente enraizado na sociedade, torna-se ainda mais complexo ao se perceber que até mesmo a trajetória profissional e, conseqüentemente, sua independência financeira são comprometidas pelo ideal do matrimônio, como se a escolha por um caminho inviabilizasse a realização do outro.

Com base nesse aspecto, Saffioti (2013) reforça que, na sociedade de classes, a realização pessoal da mulher estava intrinsecamente vinculada ao casamento, entendido como principal via de reconhecimento social e de estabilidade financeira. Tal configuração não apenas consolidava a posição social da mulher, mas também produzia uma forma específica de dependência, na qual a mulher passava a ter sua realização pessoal, afetiva e social condicionada à esfera conjugal e à figura masculina.

Dessa maneira, a romantização do casamento como uma promessa de felicidade plena não se apresenta como um dado natural, mas como uma construção sociocultural que orienta a forma como a mulher aprende a enxergar o amor e a si mesma dentro da relação afetiva. É nesse sentido que essa condição resulta de um modo particular de perceber o amor romântico, internalizado como destino e garantia de sentido para a vida feminina.

Tal lógica influencia diretamente a maneira como a mulher vivencia o amor, tornando-a, muitas vezes, “refém” de uma ilusória história de amor que existe apenas para a manutenção de um sistema que a põe sempre em desvantagem, inclusive na forma de amar e de ser amada. Por esse ângulo, o(a) narrador(a) direciona o olhar do(a) leitor(a) para o ritual amoroso do casal, revelando, em mais uma visita do marido, comportamentos que expõem essa dinâmica de dependência e idealização:

Quando ele voltou meses depois trouxe-lhe presentes, beijou-a tanto no cabelo, de cheiro que dizia ele ser de céu, fez-lhe ver a importância da viagem, não se arrependera de ter ido pelo prazer da volta. Ela julgou gentil o esclarecimento. Correu para a cozinha, antes que ele a levasse para o quarto. Com ingredientes necessários, cuidou de atingir a perfeição. Não admitia o amor sem a torta os aguardar depois, especialmente em dia de festa (Piñon, 2022, p. 99).

No trecho, observa-se que a voz discursiva mantém um tom de aparente neutralidade diante da cena, mas constrói, por meio de marcas linguísticas e efeitos de ironia, uma crítica sutil à naturalização da subserviência feminina no amor. Percebe-se que o(a) narrador(a) descreve o reencontro do casal não como um momento de conexão amorosa recíproca, mas como um breve instante de afeto desigual, uma vez que a centralidade recai justamente sobre a iniciativa e o discurso masculino.

Essa assimetria se evidencia tanto na distribuição das ações quanto na escolha dos tempos e advérbios. Enquanto o homem retorna, traz presentes, explica a sua ausência e enfatiza o “prazer da volta”, a mulher reage de forma imediata e apressada. A expressão “antes que ele a levasse para o quarto”, associada aos advérbios “antes” e “depois” e aos verbos no pretérito perfeito “correu” e “cuidou”, revela a urgência da mulher em aproveitar o breve momento de afeto, garantindo as preliminares simbólicas do encontro amoroso antes do ato sexual. Essa leitura dialoga com Beauvoir (1970, p. 232-233), ao afirmar que “há no casamento uma mistificação, pois pretendendo socializar o erotismo só consegue aniquilá-lo. É que o erotismo implica uma reivindicação do instante contra o tempo”. Desse modo, tal configuração evidencia que o erotismo não se apresenta como

uma experiência plena e compartilhada, mas como um instante condicionado e regulado pela lógica conjugal.

A ironia manifesta-se de modo mais explícito na expressão: “ela julgou gentil o esclarecimento”, que não apenas traduz a interpretação da personagem, mas introduz um julgamento implícito da voz narrativa. Ao considerar “gentil” uma explicação tardia para um desaparecimento prolongado, a mulher naturaliza sua posição de submissão, enquanto o narrador, com uma postura distanciada e ao mesmo tempo avaliativa, critica essa aceitação passiva da personagem em relação à ausência masculina.

Além disso, o gesto de correr para a cozinha e dedicar-se à preparação da torta de chocolate reforça esse quadro simbólico. A frase “não admitia o amor sem a torta os aguardar depois, especialmente em dia de festa” produz um duplo efeito: de um lado evidencia a devoção da mulher através do cuidado e do afeto manifestados por meio da comida; de outro expõe como o amor romântico, nesse contexto, é legitimado por práticas de serviço e da domesticidade feminina. Assim, ao “cuidar de atingir a perfeição”, a mulher reafirma um ideal feminino no amor que o narrador, de forma sutil e crítica, revela como parte de uma lógica social de desigualdade de gênero.

A encenação desse discurso é ainda mais acentuada pela focalização que o(a) narrador(a) concede à subjetividade da figura feminina:

Já ela exaltava-se submissa. Ainda sofreu a sua ausência. O seu amor em dias difíceis agitava-se de tal modo que consultava a folhinha na esperança de que fosse dia de torta de chocolate, quando ele viria na certa. Até o fim do ano a folha registrava todos os dias de sua visita. Jamais ela sugeriu mudança de data, ou maior assiduidade. Respeitava aquele sistema (Piñon, 2022, p. 99).

Esse fragmento evidencia não apenas a frustração da mulher diante da ausência do marido, mas também a expectativa pelo seu retorno. Percebe-se que o(a) narrador confere um olhar mais atento e empático às emoções da personagem, revelando a intensidade do seu amor, mas também a sua posição submissa e a aceitação passiva perante as condições impostas pelo esposo. Através dos pequenos rituais, como consultar a folhinha e aguardar o dia da visita para preparar a torta de chocolate, o(a) narrador(a) expõe o lugar de espera do feminino na dinâmica amorosa e a maneira como os seus desejos são negligenciados e subordinados ao ritmo e à vontade do homem. Tal configuração do vínculo amoroso dialoga com o pensamento de Beauvoir (1970, p. 232), segundo a qual, “desde o aparecimento do amor cortês, é lugar-comum dizer que o

casamento mata o amor”, uma vez que “demasiado desprezada ou demasiado respeitada, por demais cotidiana, a esposa não é mais um objeto erótico”.

Sob esse viés, Lagarde (2001) destaca que, na cultura ocidental, o discurso do amor é construído de modo que, para as mulheres, amar não é apenas uma experiência possível, mas uma exigência que as define, pois o amor é concebido como seu principal dever. Nessa perspectiva, a submissão, a passividade e a ideia de amar incondicionalmente são atribuídas às mulheres como parte de um mandato legitimado pela suposta natureza feminina. À luz do modo de organização narrativo, observa-se como a trama mobiliza tanto a lógica quanto a encenação narrativa para construir a crítica ao amor romântico.

No Quadro 3, a seguir, apresentamos a lógica como um estruturante fundamental para compreender os sentidos do ideal romântico que permeiam a narrativa:

Quadro 3. A lógica narrativa do amor romântico em Ave de Paraíso.

Componentes da Lógica narrativa	Descrição teórica (Charaudeau, 2008)	Aplicação no conto Ave de Paraíso
Actantes	Instâncias que realizam ou sofrem ações dentro da trama. Representam papéis narrativos que podem ser humanos ou simbólicos.	O homem e a mulher atuam simultaneamente, como actantes humanos e simbólicos: ele representa o poder, a ação, a racionalidade e a exterioridade; a mulher representa a espera, a submissão, a emoção e a interioridade. A torta de chocolate também atua como um actante simbólico: ela representa o vínculo do casal; para a mulher ela é o afeto, o ritual amoroso, a legitimação do vínculo. Para o homem, ela é a representação do desejo, da saciedade momentânea e da superficialidade do vínculo amoroso.
Processos	Ações dotadas de sentido que se relacionam com os actantes e suas intenções, adquirindo função narrativa	As ações de “esperar”, “ir para a cozinha”, “preparar a torta”, “cuidar de atingir a perfeição”, “consultar a folhinha”, não são neutras, mas processos que materializam o ideal feminino do amor como dedicação, cuidado e renúncia.
Sequências	Encadeamento coerente de ações e pensamentos.	O enredo se organiza em sequências cíclicas de ausência e retorno, espera e submissão, que reiteram a estrutura patriarcal do amor romântico como servidão simbólica e domesticidade feminina.

Fonte: Paula (2025).

Considerando as informações sintetizadas no Quadro 3, percebe-se que, na lógica narrativa do amor romântico, os atores das ações (actantes) e os processos que compõem

o enredo configuram os discursos simbólicos que reiteram o papel de submissão da mulher dentro da relação amorosa. O encadeamento dessas ações não apenas constrói, mas também desmascara a idealização do casamento, evidenciando como a narrativa de Piñon mobiliza o cotidiano doméstico para denunciar a assimetria e a fragilidade da relação conjugal.

Além disso, a encenação narrativa, compreendida como o dispositivo pelo qual o discurso se concretiza em uma representação verossímil da experiência social, se instaura colocando no palco os discursos e conduzindo o(a) leitor(a) por essa representação simbólica da sociedade. No Quadro 4, a seguir, apresentamos a encenação como um mecanismo no qual a realidade narrada se manifesta e se coloca diante do mundo real, fazendo uma crítica contundente ao ideal amoroso, aos papéis de gênero e aos discursos naturalizados:

Quadro 4. A encenação narrativa do amor romântico em Ave de Paraíso.

Procedimentos da Encenação narrativa	Descrição teórica (Charaudeau, 2008)	Aplicação no conto Ave de Paraíso
Identidade do narrador	Responde à pergunta “quem fala?” indicando a origem da voz narrativa. Pode ser interna (participa da história) ou externa (observador).	A voz da narrativa é externa e constrói-se discursivamente por meio de distanciamento avaliativo e ironia sutil com o uso de expressões como “ela julgou gentil o esclarecimento”. Assume um tom crítico, mas empático em relação à condição feminina na esfera amorosa como nas expressões “já ela exaltava-se submissa” e “ainda sofreu a sua ausência”, evidenciando as assimetrias no vínculo amoroso, a fragilidade da relação e os conflitos internos vivenciados pela mulher.
Estatuto do narrador	Responde à pergunta “quem conta a história de quem?”, definindo a posição do narrador no momento da enunciação (interno ou externo).	O(A) narrador(a) ocupa o estatuto externo, narrando o cotidiano do casal sem se envolver diretamente nos eventos. Apesar disso, intervém sutilmente por meio da seleção das cenas, da repetição de gestos e da valorização de detalhes simbólicos que expõem a idealização de amor romântico e a posição submissa da mulher.
Ponto de vista / focalização	Refere-se a relação entre o narrador e as personagens, isto é, o que o narrador sabe, mostra ou omite sobre os fatos.	Alterna entre uma perspectiva objetiva (descrição de ações e rituais) e uma perspectiva subjetiva que privilegia a interioridade feminina, aproximando o(a) leitor(a) da frustração, da espera e do conflito entre amor idealizado e experiência vivida.

Efeitos de sentido	Resultam da articulação entre voz, olhar e discurso; dizem respeito à forma como o texto constrói o sentido simbólico da história.	A encenação produz uma tensão entre o discurso romântico e o olhar crítico do(a) narrador(a), construindo uma mise-en-scène que revela a naturalização da submissão feminina e a função ideológica do amor como mecanismo de controle simbólico.
---------------------------	--	--

Fonte: Paula (2025).

O Quadro 4 revela que a encenação do amor atua como um espaço discursivo onde a crítica se concretiza. Por meio da voz e do olhar do(a) narrador(a), Piñon desmonta a retórica do amor idealizado ao mesmo tempo em que expõe o cenário simbólico da submissão feminina.

Assim, a encenação do amor em *Ave de Paraíso* reforça e aprofunda os sentidos já organizados pela lógica narrativa, uma vez que transforma em imagem simbólica aquilo que, na estrutura da ação, já se anunciava como uma crítica à naturalização do amor romântico. A voz discursiva, ao mesmo tempo distanciada e sensível, cria um jogo de olhares que permite ao(à) leitor(a) perceber a contradição entre o discurso do ideal romântico e a experiência concreta de subserviência feminina.

Por meio dessa encenação, Nérida Piñon desvela o caráter naturalizado dos papéis de gênero, sobretudo o feminino, e mostra como o amor, quando filtrado pela ordem social vigente, converte-se em um espaço de controle e servidão simbólica. Dessa forma, a encenação não apenas reproduz a realidade social, mas a desestabiliza, expondo as contradições entre o amor como promessa de plenitude e o amor como mecanismo de sujeição.

Considerações Finais

Diante do exposto, este trabalho cumpre seu propósito de analisar como são construídos os discursos de gênero e de amor romântico por meio do modo de organização narrativo em *Ave de Paraíso*, de Nérida Piñon, ao demonstrar que a narrativa encena discursos que, ao mesmo tempo em que reafirmam os papéis tradicionais atribuídos a homens e mulheres, também expõem contradições que permitem questionar e criticar, por meio do(a) narrador(a), a submissão feminina e a naturalização do amor como destino.

Nesse processo, evidenciou-se que o(a) narrador(a) constitui peça fundamental na representação desses discursos, atuando como instância mediadora que articula as descrições dos eventos e os elementos simbólicos, orientando a interpretação do(a) leitor(a) e conduzindo-o a uma leitura crítica das relações de gênero e do amor. A voz

narrativa, portanto, coloca-se como um elo entre o universo ficcional e o mundo real, levando o(a) leitor(a) a confrontar sua própria realidade e os temas problematizados pela narrativa.

No que concerne ao amor romântico, observou-se que os elementos do cotidiano, como os alimentos, especialmente a torta de chocolate, funcionam como artifícios simbólicos utilizados pelo(a) narrador(a) para criticar não apenas a fragilidade da relação do casal protagonista, mas também para evidenciar a assimetria do vínculo. Desse modo, revela como a subjetividade feminina é atravessada por normas sociais que impõem renúncia e apagamento de si em prol do outro.

Conclui-se, portanto, que o modo de organização narrativo permite compreender a trama para além da superfície textual, promovendo a reflexão sobre os implícitos que estruturam o discurso e que são fundamentais para a construção dos sentidos da narrativa. Além disso, evidencia-se que a forma de narrar atua na produção e problematização de temas que ainda atravessam a contemporaneidade, como os discursos sobre gênero e amor romântico, os quais, longe de serem neutros, são configurados por estratégias narrativas e discursivas que refletem e tensionam relações desiguais no interior do texto literário.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: Miguel, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. (org.). **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 21-30.

CHARAUDEAU, Patrick. Modo de organização narrativo. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 151-200.

CORIA, Clara. **El amor no es como nos contaron ni como lo inventamos**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAGARDE, Marcela. **Claves feministas para la negociación en el amor**. Managua: Puntos de encuentro, 2001.

PIÑON, Nélida. Ave de Paraíso. *In*: SANCHES NETO, Miguel (org.). **Melhores contos Nélida Piñon**. 2 ed. São Paulo: Global, 2022, p. 97-101.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. Papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. *In*: SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. p. 8-20.